



# O TUIUTI

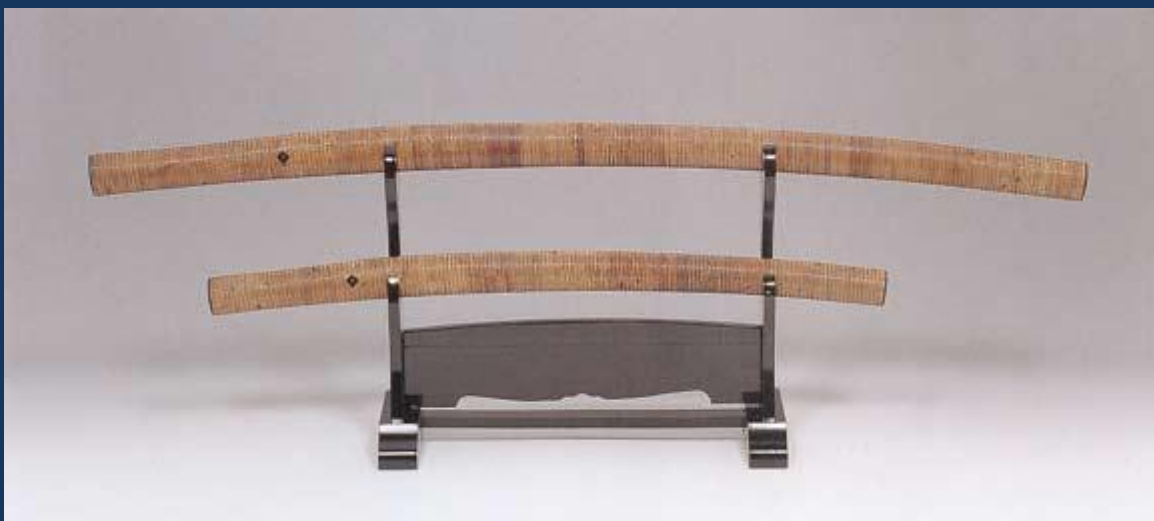


**ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DAS ATIVIDADES DA ACADEMIA DE  
HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS)  
- ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA -  
E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)  
205 ANOS DO NASCIMENTO DE SAMPAIO - 70 ANOS DAS VITÓRIAS DA FEB NA ITÁLIA  
ANO 2015 NOVEMBRO Nº 158**

## A SIMBOLOGIA DA ESPADA



Capacete de TOKUGAWA YEIASU



## A SIMBOLOGIA DA ESPADA

Por Flavio Martins Pinto (\*)

*- Quem é o melhor no uso da espada? perguntou o guerreiro ao mestre.*

*- Vá até o campo perto do castelo, disse o mestre. Ali existe uma rocha. Insulte-a.*

*O guerreiro, surpreso, retrucou: - Por que devo fazer isto? A rocha jamais me responderá de volta.*

*- Então, ataque-a com sua espada, disse o mestre.*

*- Tampouco farei isto, respondeu o discípulo. Minha espada se quebrará se o fizer. E se atacá-la com minhas mãos, ferirei meus dedos sem conseguir nada. Mas minha pergunta é outra: quem é o melhor no uso da espada?*

*- O melhor no uso da espada é aquele que se parece com uma rocha, disse o mestre. Sem desembainhar a lâmina, consegue mostrar que ninguém poderá vencê-lo.*

Tem-se o costume de considerar a espada como uma tradição essencialmente guerreira e, portanto, motivo de temor. Não se pode contestar que existe esse aspecto guerreiro neste símbolo; porém, seu sentido esotérico transcende seu caráter de violência e é encontrado em várias Ordens e crenças religiosas.

Para um oficial das Forças Armadas, a espada representa não só a autoridade como também a vida militar a ser descortinada. Seja na declaração de aspirante, nomeação ou promoção ao primeiro posto, ela lhe é entregue, cerimoniosamente,

como um símbolo material da autoridade e que deve ser usada na aplicação dos mais legítimos princípios da honra cultuados e praticados na carreira.

O espadim do cadete da Academia Militar das Agulhas Negras e a espada de oficial general, réplicas da espada invencível do Duque de Caxias, enaltecem a aplicação daqueles princípios e valores, dos quais se destacam a responsabilidade, a competência, a bondade, a aplicação da justiça, o respeito e o amor à Pátria e tudo que a ela diz respeito.

Caracteriza-se, portanto, não como um simbolismo puro, mas sim como um instrumento de exaltação do que existe de mais belo e puro na carreira do oficial: o uso da espada, ou da autoridade militar investida, para se cumprir os deveres e obrigações militares.

Muitos a tratam apenas como uma peça metálica e que só o oficial detém.

Entretanto, a cultura oriental nos revela uma expressiva sabedoria em relação a este símbolo militar.

Para compreendê-la, devemos concebê-la como uma trilha a ser percorrida, a exemplo das artes marciais, que possuem um caminho interno constituído na forma de uma senda espiritual.

Esta senda, dentro das artes guerreiras, é chamada de BUDO, e sua maior expressão é, sem dúvida, a conhecida pelos mestres como I AIDO. E esta é, dentre aquelas artes, a mais refinada e conservadora do espírito do BUDO. Utiliza-se a espada - *Kataná* - como arma cerimonial e seu treinamento e sua

disciplina consistem em dominar o desembainhar, o corte e o embainhar dessa arma.

O I AI DO fora utilizado inicialmente pelos samurais como forma de se defender de golpes inesperados. Consistia em um treinamento dos instintos para responder, rapidamente, a qualquer tipo de ataque imprevisto, principalmente quando o samurai se encontrasse meditando.

Manejar bem a espada é uma tarefa difícil, mas não só pelo aspecto técnico, que é exigido a níveis próximos da perfeição, como pelo equilíbrio e pela capacidade de discernimento do praticante. A espada é símbolo da vontade do espírito e deve ser tratada de modo especial. As *katanás* no Japão possuíam um tratamento singular desde sua forja, que era executada artesanalmente por monges que dedicavam toda sua vida a esse sagrado ofício.

A manufatura da espada japonesa não era um simples ato de fabricar um objeto para uma batalha ou utilização específica: o mestre-espadeiro colocava seu espírito em todas as fases da fabricação, chegando ao ponto de abster-se de sexo, bebidas, carne e da presença das pessoas comuns durante todo o processo. Seu ateliê era um santuário sagrado, sendo o aço dobrado sobre si próprio em operações de forjamento sucessivo. O sentimento colocado em cada martelada era um ato religioso que conferia um espírito à sua lâmina, nas imersões na água, nas passadas na pedra de afiar, e a deixava viva com a energia de seu criador.

Existe uma história que é relacionada ao espírito do artesão que era colocado nas fibras do aço: o mais famoso armeiro japonês - MASSAMUNÉ, conhecido pelo seu espírito bom; sempre que podia ajudava as pessoas de seu vilarejo, via suas obras como um objeto artístico e como um instrumento para a busca da paz. Seu melhor discípulo foi MURAMASA que, apesar de aprender toda a técnica da arte, possuía um espírito ruim, e devido a isso foi excluído do ateliê.

Conta-se que ao se colocar duas espadas, uma de MASSAMUNÉ e outra de MURAMASA em um regato, quando folhas são jogadas na água, elas são atraídas e cortadas pela lâmina da segunda e repelidas pela primeira. Isto é relacionado pelos estudiosos ao sentimento ruim que Muramasa colocava em suas lâminas.

Ao conhecer esta arte marcial, a sublime arte de guerrear e de viver dos samurais, percebe-se sua semelhança com o ofício das armas e a destinação do oficial na estrutura militar de paz e de guerra.

Lembre-se da espada do Samurai, que deve sempre estar bem limpa, polida, pura e sem nódoas, pois representa sua alma, segundo o célebre Shogun TOKUGAWA IEYASU. A espada do oficial das Forças Armadas também.



Capacete de TOKUGAWA IEYASU

Certo dia me perguntaram sobre Virtudes. E novamente me vieram, fortes, implacáveis, justiceiras, as imagens das espadas que tinha na minha mente e os juramentos que fiz sobre elas. A crença de que a *kataná*, com o tempo, assume a personalidade do seu manejador me assustava. A espada, como a alma do samurai, sempre limpa e pura, seria o meu guia; e pude responder com segurança sobre aquela característica da raça humana, que só dignifica quem a pratica.

Juntas, estavam agora, na virtude, a minha espada de oficial, usada durante quase trinta anos, e a *kataná* que também me orgulha.

Sim, era ela, a espada fazedora de justiça que me alertava. Teria de mostrar-me sempre digno para portá-la e honrá-la, projetando na sua lâmina a pureza e o esplendor da virtude.

De acordo com Helena Pietrova Blavatsky, na sua Doutrina Secreta “existe um outro aspecto em que ela simboliza”:

*- ...a luta que o homem deve conduzir contra os “Inimigos da Luz” e contrários à ordem e à Unidade de Deus. A “guerra” sempre estabeleceu o equilíbrio e a harmonia (ou justiça) e assim, proporcionou a unificação de certo modo, dos elementos em oposição entre si.*

*Isso quer dizer que o seu fim*

*normal e sem dúvida sua única razão de ser, é a paz, que só pode ser verdadeiramente obtida pela submissão à vontade divina colocando cada elemento em seu lugar com a finalidade de fazê-los todos concorrerem para a realização consciente de um mesmo Plano”.*

Era a missão definitiva de segurança desempenhada humildemente pela espada do guerreiro.

A dualidade da espada - *guerreira e de paz* - nos conduz à harmonia e tolerância necessárias na nossa caminhada. É a busca do eixo no qual as oposições se reconciliam, entrando em equilíbrio justo e perfeito.

Ver na espada o símbolo da honra e esforçar-se a merecê-la, tornando-a seu guia na senda espiritual, procurando sempre, de acordo com Helena Blavatsky,

*“... cumprir a missão do Guerreiro de Luz, que tem a sublime tarefa de projetar em sua lâmina toda a pureza, todo o esplendor e mostrar aos menos afortunados o verdadeiro caminho para a unidade de Deus e toda a Glória do Templo. Ao se fazer merecedor, não mais*

*será um homem comum”.*

Para concluir, a espada ao mesmo tempo em que nos serve, no seu silêncio, de guia na senda espiritual, apontando para a necessidade da pureza da Alma, nos observa apontando seu gume para as nossas paixões não vencidas.

Diz a espada do samurai- *“Que não me desembainhe sem motivo e não me embainhe sem honra”.*

E adaptando o verso de Castro Alves *“Nem cora o livro de ombrear co’o sabre. Nem cora o sabre de chamá-lo irmã”*, dizemos:

*“Não cora o sabre de ombrear com a pena”* conforme diz ditado conhecido na caserna brasileira.

Flavio Martins Pinto é Coronel da reserva do Exército Brasileiro, Membro-Efetivo da AHIMTB/RS e praticante de I AI DO - a Arte da espada dos samurais.



Luiz Ermani Caminha Giorgis, Cel  
Presidente da AHIMTB/RS  
lecaminha@gmail.com

Acesse o nosso site:  
[www.acadhistoria.com.br](http://www.acadhistoria.com.br)